

## **A arte e o estudante de medicina: experiências antes e durante o isolamento social**

*Art and the medical student: experiences before and during social isolation*

Rachel Gomes Boechat de Oliveira<sup>a</sup>

Brendha Leandro dos Santos<sup>b</sup>

Gabriela Granieri de Oliveira Aidar<sup>c</sup>

Victoria Luiza Pacini<sup>d</sup>

Marília Nabuco Leva Ferreira de Freitas<sup>e</sup>

**RESUMO:** Este artigo visa apresentar a experiência de docentes e discentes do curso de medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) no seu contato com a arte antes e durante o isolamento social determinado pela pandemia do COVID-19, através do projeto Arte na Veia - UFRJ. Evidenciamos as diferenças na participação dos alunos nesses dois momentos contrastantes, assim como as plataformas usadas para adaptar reuniões digitais e os desdobramentos da iniciativa, tais quais a página na plataforma *Instagram*, o Clube do Livro e o Cinedebate. Abordou-se a prática da medicina narrativa e da arte enquanto ação terapêutica, especialmente relacionada à saúde mental - de alunos da graduação médica e seus pacientes. Buscamos revelar a importância do conhecimento artístico aliado a educação médica como estratégia de desenvolvimento das humanidades.

**PALAVRAS-CHAVES:** Medicina narrativa; quarentena; educação médica; COVID-19 ; medicina na arte

**ABSTRACT:** The aim of this paper is to showcase the experience and relationship with the arts of both students and teachers from the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ) Medical School during and after the COVID-19 pandemic by means of the "Arte na Veia - UFRJ" project. We also aim to demonstrate the difference in participation of students during the aforementioned moments as well as the alternative platforms used to carry out digital meetings in order to evaluate the progress of the project, such as our *Instagram* page, our Book Club and Movie Debate. We covered the practice of narrative medicine and art therapy specifically regarding the mental health of medical students and their patients with the objective of evidentiating the importance of using artistic knowledge in tandem with medical education as a strategy for the advancement of medical humanities.

**KEYWORDS:** Narrative medicine; quarantine; education, medical; coronavirus infections; medicine in the arts

---

a,b,c,d,e Estudantes de Medicina – Universidade Federal do Rio de Janeiro



## **INTRODUÇÃO**

O Arte na Veia - UFRJ é um grupo multicêntrico formado por professores de faculdades de medicina na cidade do Rio de Janeiro - RJ: Universidade Estácio de Sá (UNESA), Fundação Técnico-educacional Souza Marques, Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Universidade Federal do Rio de Janeiro. Entre os princípios do grupo, estão o fomento da arte em estudantes de medicina, o incentivo à interpretação poética de cada caso clínico, com a medicina narrativa, e a promoção de atividades externas ao ambiente acadêmico, proporcionando o alcance do público geral. Há professores-orientadores em mais de uma instituição, o que permite a comunicação entre elas. Nas duas primeiras universidades, os grupos existem há mais tempo e são conhecidos como projetos de humanidades, medicina e arte. Em anos anteriores, foram publicados por elas livros na temática de medicina narrativa (Mallet e Andrade, 2017)<sup>1</sup>e experiências de alunos de medicina no Programa Ciência sem Fronteiras (Nogueira e Mallet, 2017)<sup>2</sup>.

Na UFRJ, iniciamos as atividades em 2019 com reuniões mensais ou bimestrais de acordo com a disponibilidade das alunas. A partir de abril de 2020, durante o período de suspensão das aulas, devido à pandemia de COVID-19, nos vinculamos ao Projeto de Extensão “Minha vida dá um livro? Narrativas e escuta sensível.” Assim, as alunas do grupo foram registradas no Sistema Integrado de Gestão Acadêmica (SIGA) da UFRJ.

Neste texto, abordaremos o processo de implantação de um grupo artístico-cultural na Faculdade de Medicina da UFRJ comparando-o com sua adaptação e reestruturação para o funcionamento em período de isolamento social. Neste âmbito, descreveremos o contraste de engajamento do alunado nos momentos antes e

durante a quarentena, que, apesar do interesse evidente, a adesão dos alunos não era consistente. Hoje, percebemos que o grupo teve a oportunidade de contagiar alunos de outras turmas, outros *campus* da mesma universidade e outras instituições do país. Além disso, os integrantes demonstram-se mais participativos e comprometidos com as atividades propostas. O que antes era um espaço de escape das responsabilidades acadêmicas tornou-se um compromisso espontâneo.

Sobre nossas atividades durante o isolamento, apresentaremos: (1) o processo e consequências da reativação da página do grupo na rede social *Instagram*; (2) a expansão do nosso Clube do Livro de modo virtual, com leituras coletivas e encontros remotos para discussão; (3) o Cinedebate à distância com a participação de uma especialista do tema do filme escolhido; (4) o desenvolvimento de um poema coletivo acompanhado de uma montagem de fotografias, que foi exposto em cartazes no hospital universitário da UFRJ e no nosso *Instagram* para sensibilização sobre a influência do uso de máscaras em nossas interações com o outro e ativação do espaço. É importante destacar que as dinâmicas virtuais permitiram que pessoas de outras áreas fossem alcançadas e atraídas para as discussões, que não se limitaram ao contexto de cuidados em saúde.

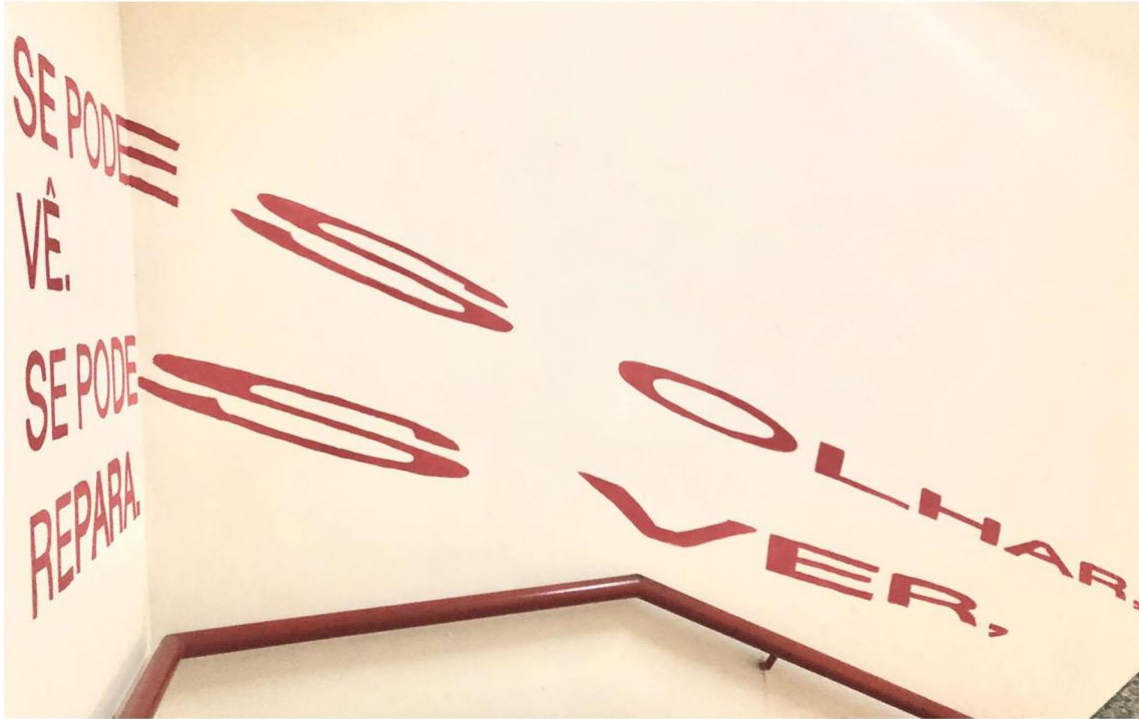
Esperamos que a leitura deste relato de experiências permita que nosso trabalho seja divulgado para outras instituições e que sirva de incentivo à formação de futuros médicos mais sensíveis por meio da arte. Principalmente neste momento, ressignificando o isolamento social como oportunidade de aprendizado e criação de novos vínculos.

## **O ARTE NA VEIA - UFRJ ANTES DA QUARENTENA**

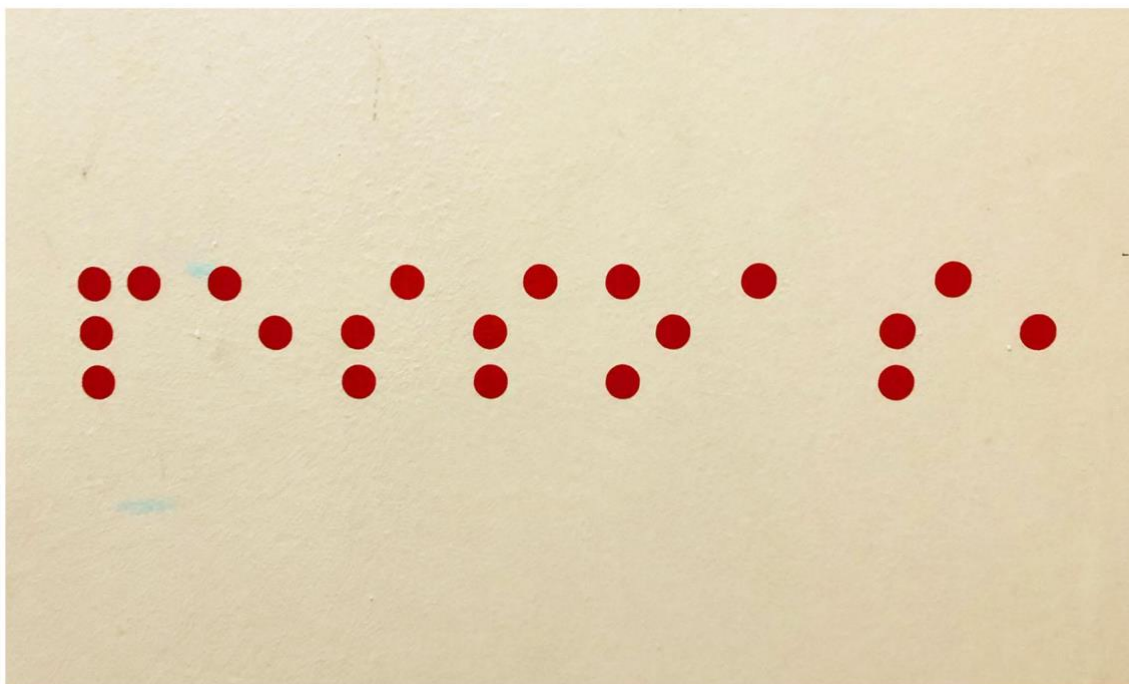
O Arte na Veia - UFRJ iniciou em fevereiro de 2019 com o convite à leitura e discussão de "Ensaio sobre a cegueira", livro de José Saramago vencedor do Prêmio Nobel da Literatura (Saramago, 1995)<sup>3</sup>, que mais tarde culminou na realização de uma intervenção temporária artística no Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF-UFRJ) descrita a seguir. No mesmo ano, discutimos a novela "A morte de Ivan Ilitch" (Tolstoi, 2015)<sup>4</sup>, e produzimos textos com as reflexões das alunas após as discussões com a professora-orientadora. Além disso, foi incentivado que nossas participantes escrevessem anamneses narrativas, textos que contam a história do paciente e de sua doença de forma poética (Fernandes, 2014)<sup>5</sup>. Esses materiais estão sendo coletados para publicação futura.

Até então, ao final dos debates, o grupo tinha a preocupação de transformar as discussões em algum produto que pudesse ser exposto a outras pessoas na área de saúde ou até mesmo à população geral. Nesse âmbito, surgiu a intervenção artística temporária "(Re)pare", realizada no HUCFF-UFRJ, em parceria com o Laboratório de Intervenções Temporárias e Urbanismo Tático da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ (LabIT-PROURB/FAU-UFRJ). A ação consistiu na escrita de quatro frases do livro "Ensaio sobre a cegueira" (Saramago, 1995)<sup>3</sup> nas paredes da escadaria do hospital de modos que despertem a curiosidade de quem vê: (1) pintadas com tinta acrílica vermelha em perspectiva, em que apenas era possível ler com nitidez do ponto de fuga adequado (figura 1); (2) adesivadas no Sistema Braille não-táctil (figura 2). Nas duas maneiras, os passantes eram provocados a exercer a empatia ao encarar a dificuldade de decifrar o código em uma primeira análise. Nossos principais objetivos eram despertar a sensibilidade e o engajamento pessoal de alunos e profissionais da saúde que frequentam o local, na promoção da humanização do cuidar através do conteúdo e da disposição da mensagem. Isto é, a própria

intervenção ajuda a ativar o espaço hospitalar, ressignificando e subvertendo a lógica da arquitetura modernista do edifício, em que espaços grandes não promovem a interação entre pessoas. O desenvolvimento de "(Re)pare" ocorreu ao longo do segundo semestre de 2019 e a montagem foi feita em dezembro com a participação de duas alunas e duas professoras do Arte na Veia - UFRJ e a equipe do LabIT-PROURB. A pós-ocupação teve impacto positivo em alunos e profissionais, apesar de uma resistência inicial da direção do hospital. No início da pandemia do COVID-19, publicações com a intervenção voltaram a movimentar as redes sociais e o trabalho foi lembrado resgatando o debate da humanização do cuidado em um momento em que este se faz tão necessário. Porém, o hospital está passando por reformas e as paredes das escadas estão sendo pintadas, voltando a homogeneidade hospitalar.



**Figura 1:** Fotografias de parte da intervenção artística "(Re)pare" localizada no HUCFF-UFRJ, em 2019, mostrando o mesmo local com as distorções de uma perspectiva qualquer (acima) e com a nitidez do ponto de fuga adequado (abaixo).



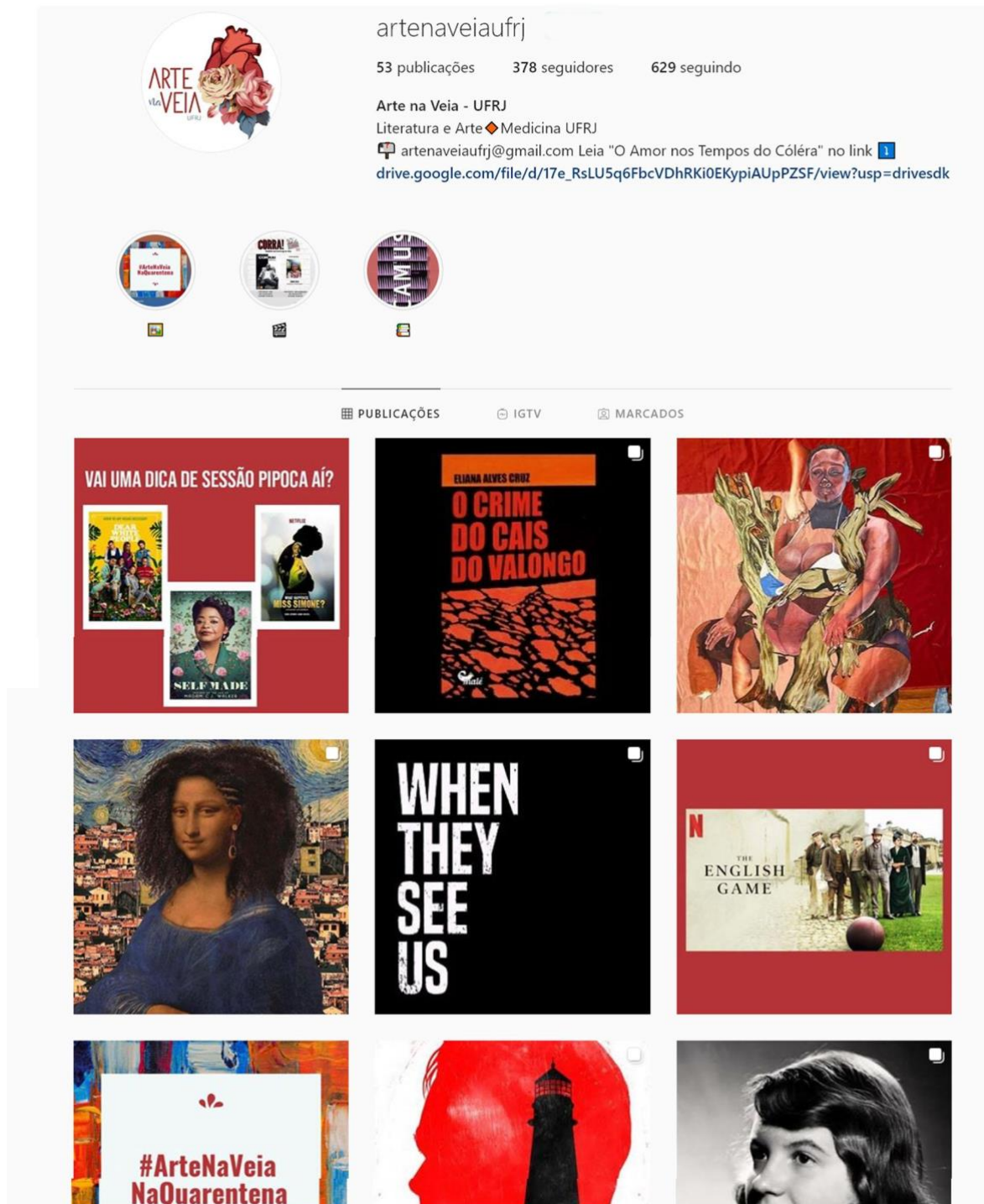
**Figura 2:** Fotografia de parte da intervenção artística "(Re)pare" localizada no HUCFF-UFRJ, em 2019, exibindo a palavra "repara" nos códigos do Sistema Braille.

Assim, até o início deste ano, nossos encontros esporádicos serviam de espaço livre para compartilhamento de ideias, livros, textos, filmes e planejamento de próximas leituras e atividades extras, o que se configurava como uma válvula de escape do universo academicista da medicina. Como o grupo era pequeno, as reuniões costumavam ter até 5 alunas e 4 professoras, o que era um ambiente permissivo a diálogos informais. O próprio comprometimento das estudantes era livre, dependia da disponibilidade e do momento na faculdade, como semanas de provas e trabalhos. Muitos projetos eram cogitados: um clube do livro, cine-debates, um sarau literário, uma exposição de fotografias e a criação de uma página no *Instagram*, mas nem todos foram concluídos ou prosperaram. Até o início da quarentena, o grupo não tinha se reunido ainda em 2020, o que pode mostrar como os compromissos acadêmicos eram uma limitação à execução das ideias e planos.

## **INSTAGRAM**

Com o isolamento social, nos vimos diante da oportunidade de ampliar nossos encontros para os meios de comunicação digital, passamos a nos reunir semanalmente por meio da plataforma *Zoom* para planejamento de ações. Reativamos, assim, uma conta na plataforma *Instagram* (figura 3) com o intuito de manter publicações diárias sobre a interseção entre a arte e temas sociais relevantes, alcançando mais pessoas e propagando as ideias do projeto. Nossa logo (figura 4) foi desenvolvida em parceria com um designer, na qual optamos por representar um coração anatômico repleto de flores, remetendo à visão poética da medicina. Enquanto grupo, desenvolvemos habilidades de edição de imagens e vídeos, criação de arte digital e uso de inúmeras ferramentas como *Photoshop* e *Canva*, para que fosse possível criar e organizar nossas postagens. Projetamos dessa forma uma identidade visual inicial, mas que se mantém fluida de acordo com as transformações orgânicas que ocorrem no projeto.





**Figura 3:** Página do projeto Arte na Veia - UFRJ na plataforma Instagram no dia 12 de junho de 2020 com postagens a respeito do movimento antirracista.



**Figura 4:** Logotipo do projeto Arte na Veia - UFRJ, desenvolvida pelo designer Pedro Puppim.

No que tange ao conteúdo das postagens, determinamos, de acordo com a divisão popular das sete artes (música, dança, pintura, arquitetura, escultura, poesia

e cinema), uma expressão artística para cada dia da semana. Na primeira semana, apresentamos obras que tinham relação com a situação da pandemia, explorando os sentimentos que esse momento histórico nos desperta. Iniciamos a semana com a música “Cartomante”<sup>6</sup>, interpretada por Elis Regina, e encerramos com o poema de Carlos Drummond de Andrade “José”<sup>7</sup>. Nas semanas subsequentes apresentamos os temas: “Arte e o trabalhador”, com destaque para as obras de Cândido Portinari; “A representação da maternidade nas artes”; “Artistas falecidos por COVID-19”, como Daniel Azulay e Abraham Palatnik; “Arte e saúde mental”, em que apresentamos a obra de Yayoi Kusama e também o Museu de Imagens do Inconsciente, fundado no Rio de Janeiro pela psiquiatra Nise da Silveira. Todas as publicações tinham como proposta fotos e textos de apresentação. Para a realização desses, foram necessárias inúmeras pesquisas que nos tiraram de nossa zona de conforto. Passamos a conhecer artistas nacionais e internacionais de diversos nichos, estudando sobre suas obras e o contexto em que foram produzidas. Desse modo, tivemos embasamento teórico para fornecer informações sobre arte de forma mais concisa e palatável ao nosso público.

Com o crescimento da nossa rede, outras iniciativas se juntaram a nós. O “Minerva Explica”, projeto de extensão da UFRJ para informações médicas confiáveis em ambiente digital, fez uma leitura do poema “COVID-19” escrito pela aluna Gabriela Granieri, integrante de nosso grupo, durante uma de suas apresentações ao vivo. Já o Laboratório de arte e humanidades da Universidade do Estado do Pará (UEPA) está constantemente em contato conosco, compartilhando suas atividades e postagens, além de impulsionar virtualmente nosso alcance.

Nas últimas semanas, embarcamos na proposta de incentivar a produção artística por parte da nossa comunidade com a #ArtenaVeianaQuarentena que visa construir uma galeria digital durante o período de isolamento. Recebemos imagens de

peças de artesanato como esculturas e bordados, além de pinturas, poesias e vídeos musicais. Além disso, participamos do movimento antirracista relacionado ao assassinato de George Floyd, homem negro, pela polícia estadunidense do estado de Minnesota, expondo em nossa página apenas artistas negros de diversos segmentos e usando #VidasNegrasImportam, dando-lhes mais espaço e voz ativa.

## **CLUBE DO LIVRO**

Diante do sucesso do nosso *Instagram*, decidimos retomar outras atividades do grupo de forma remota. Surgiu a ideia de escolhermos livros para propormos leituras coletivas, com prazos pré-determinados. As obras escolhidas seguem um padrão já estabelecido anteriormente à pandemia; todas elas abordam temáticas relacionadas com o processo saúde-doença e nos fazem refletir sobre o papel e a atuação de médicos e de outros profissionais da área da saúde.

Em consonância com a seleção do grupo “Humanidades, Medicina e Artes” da UNESA, optamos primeiramente pela obra “A peste” (Camus, 2020)<sup>8</sup> de Albert Camus, devido à sua contemporaneidade e relação com a pandemia da COVID-19. Após divulgarmos a proposta em nossa página, nos surpreendeu o imenso interesse do público pelo tema, o que nos motivou a retomar nosso Clube do Livro, digital e aberto à comunidade, para facilitar o compartilhamento de informações, análises e opiniões sobre os textos lidos e para planejarmos debates em conjunto.

Decidimos criar um novo grupo de mensagens no aplicativo *WhatsApp*, formado pelos participantes do Arte na Veia - UFRJ e por outros alunos e professores da Faculdade de Medicina da UFRJ interessados em literatura. Inicialmente, determinamos um prazo de três semanas para a leitura do livro e definimos o dia 7 de maio de 2020 para a realização de nosso debate virtual, que se prolongou e teve

continuidade no dia 15 de maio de 2020. Enquanto estávamos no processo de leitura, por intermédio da professora-orientadora Ana Luisa Rocha Mallet, fomos convidados a participar da primeira discussão da obra realizada pela UNESA. Essa experiência de contato e, sobretudo, de troca com estudantes de outra instituição foi muito enriquecedora e nos serviu como exemplo para estruturarmos nosso próprio evento.

Nas datas previstas, nos reunimos por meio da plataforma *Zoom* e tivemos conversas dinâmicas e muito edificantes. Ao todo, contabilizamos 24 participantes no primeiro encontro e 15 participantes no segundo, dentre eles estudantes e professores de medicina, além de outros convidados. Nosso debate foi conduzido por uma integrante do grupo e contou também com a presença da infectologista Káris Rodrigues, responsável por uma breve explicação sobre as particularidades da peste como doença e sobre a história das epidemias ao redor do mundo. Além disso, abordamos a biografia de Camus, o contexto histórico da obra e o cenário em que se passa e, por fim, debatemos sobre grandes temas selecionados, traçando um paralelo com a atual conjuntura. Foram eles: "o comportamento humano", "as desigualdades sociais", "o poder público", "a imprensa", "a igreja", "o médico e seu sofrimento" e "a morte."

O Clube do Livro de "A peste" (Camus, 2020)<sup>8</sup>, sua proposta de imersão literária e a riqueza dos debates nos suscitou várias reflexões. Logramos despertar e reviver o hábito da leitura em muitas pessoas, o que, segundo relatos, contribuiu para a melhora da saúde mental em tempos de isolamento social. Ademais, como o romance versa sobre os detalhes por trás de uma epidemia, estabelecemos muitas conexões com o que estamos presenciando e, ao nos reconhecermos na história, conseguimos compreender melhor a realidade presente. Não à toa, a obra tornou-se *best seller* na Europa e no Brasil, após o surto de coronavírus.

Atualmente, estamos lendo "O amor nos tempos do cólera" (Márquez, 2019)<sup>9</sup>, escrito por Gabriel García Márquez, e temos o objetivo de concluir a leitura até o dia 25 de junho de 2020, dia marcado para o próximo debate.

## **OUTRAS ATIVIDADES**

Além das ações mencionadas anteriormente, foram discutidos, por meio da arte, temas atualíssimos. Um exemplo foi um Cinedebate sobre o filme "Corra!" (*Get Out!*, em inglês)<sup>10</sup>, dirigido por Jordan Peele e estreado em 2017, no qual foi discutida a questão racial. Outro, a construção de uma montagem de fotos associada a um poema coletivo sobre os rostos mascarados da pandemia e seus olhares.

Nas primeiras semanas de quarentena, os membros do grupo selecionaram alguns filmes para serem assistidos e brevemente discutidos pelos membros. Entre eles, o filme *Corra!* se destacou e surgiu então a ideia de organizar e promover um Cinedebate, sabendo-se que havia demanda para uma discussão do tipo por parte de pessoas que acompanham as atividades propostas pelo Arte na Veia - UFRJ. Divulgamos a atividade no perfil do grupo na *Instagram* e fizemos a discussão através de uma videoconferência na plataforma *Zoom* com alunos e professores do Arte na Veia - UFRJ, pessoas que acompanham nossas atividades e se interessaram, e também uma participante especial. Em parceria com a livraria Largo das Letras, convidamos a professora e pesquisadora Simone Ricco, atuante em práticas afirmativas e antirracistas. Sua presença e orientação transformou, aos olhos dos participantes da atividade, um filme de suspense em uma obra complexa com numerosas metáforas e sutis abordagens em seu conteúdo, enriquecendo de maneira ímpar a discussão, em especial a partir da discussão racial trazida pela produção.

Também nas primeiras semanas de isolamento social, em uma de nossas reuniões, discutimos a importância que o olhar ganharia num futuro próximo em consequência do uso em massa de máscaras por medidas de higiene. Surgiu, então, a ideia de que os membros do grupo tirassem uma foto usando máscara. Através de edição digital, foi inserida como estampa das máscaras parte do logotipo do grupo. Unindo as imagens foi feita uma montagem e para acompanhá-la, elaborou-se pelo Arte na Veia - UFRJ um poema em coletivo. Usou-se a plataforma *Google Drive*, num arquivo compartilhado de *Documentos Google*. Cada membro, a partir do seu dispositivo eletrônico, pôde acrescentar um ou mais versos. Nessa experiência foi especialmente interessante acompanhar a mudança de sentido que os versos acrescentados poderiam dar aos versos anteriores, escritos por outra pessoa, possivelmente com outras ideias em mente. As emoções expressas através do olhar (e, com o uso de máscaras, somente expostas no rosto através dele) bem como a dificuldade - e a importância - de estabelecer vínculos durante o período de isolamento social foram temas centrais na obra.

O poema e a montagem foram publicados no perfil de *Instagram* do grupo. Providenciamos a impressão da montagem com o poema e distribuímos pelas paredes do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (Figura 5). A intervenção possibilitou trazer reflexão e sensação de acolhimento a pacientes e profissionais da saúde, a exemplo dos versos “Se os olhos são a janela da alma/Exploreemos esse olhar que acalma” (Oliveira *et al*, 2020)<sup>11</sup>.



**Figura 5:** Acima, a montagem final com as fotos enviadas pelos membros do Arte na Veia - UFRJ e poema. Abaixo, três ambientes onde ela foi exposta: a porta de uma das escadas de emergência do segundo andar, um pilar na entrada lateral do primeiro andar do hospital e uma peça de granito próxima à escada do subsolo.

## DISCUSSÃO



Portanto, é evidente que o Grupo Arte na Veia UFRJ sofreu uma série de transformações durante a pandemia do COVID-19. Entre elas: o uso em massa de plataformas digitais para reuniões à distância, a frequência mais regular de encontros, o maior engajamento dos alunos envolvidos no projeto e a deslocação das intervenções artísticas do ambiente físico para o âmbito virtual.

É relevante discutir a natureza do projeto no sentido de seus objetivos e impactos individuais e de saúde. Em uma pesquisa bibliográfica, o artigo *Saúde Mental de Ingressantes no Curso Médico: uma Abordagem segundo o Sexo* (Medeiros *et al*, 2018) constata que “acadêmicos de Medicina podem apresentar alta prevalência de estresse, Síndrome de *Burnout* e sintomas depressivos, que podem comprometer a qualidade de sua vida” (Medeiros *et al*, 2018)<sup>12</sup>. Entre os fatores que enfatizam o processo de adoecer e, conseqüentemente, a piora do bem-estar do indivíduo estudante, encontram-se: dificuldade de manejar o tempo, alta expectativa social e não reconhecimento próprio da enfermidade (Conceição *et al*, 2019)<sup>13</sup>. Sabendo dessa realidade e, em discordância com o enrijecimento do saber médico, percebemos a urgência de intervir nesse processo de ensino e aprendizado.

Visando mudanças desse contexto, uma possibilidade para elevar a qualidade de vida dos estudantes de medicina é a Arteterapia, modalidade de tratamento que utiliza recursos artísticos (Reis, 2014)<sup>14</sup>. Segundo, a Associação Brasileira de Arteterapia, essa estratégia terapêutica visa canalizar emoções e entender sentimentos, o que permite a promoção do autoconhecimento, o despertar criativo e em distúrbios como ansiedade, depressão e estresse promove processos tranquilizantes e de equilíbrio interior (Barcelos, 2020)<sup>15</sup>. Portanto, o nosso projeto tem sido um meio de utilizar a arte como um escapismo da rotina conturbada e das inseguranças do estudante de medicina. Além disso, nesse momento de pandemia,

os encontros virtuais e os objetivos artísticos promovem processos de cura subjetiva a respeito das angústias resultantes do isolamento social.

Podemos correlacionar o nosso projeto a um grupo que utiliza a arteterapia chamado “Amigos da Arte” no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) que funciona em parceria com a Universidade Federal do Ceará (UFC), em Fortaleza (Coqueiro *et al*, 2010)<sup>16</sup>. O grupo foi selecionado a partir de indivíduos com maior afinidade pelo tema e que apresentassem condições mínimas de comparecerem aos encontros de acordo com seus transtornos (bipolaridade, depressão e esquizofrenia como exemplo). Esses eram semanais e contavam com o auxílio de profissionais que instruíam as atividades, entre eles um artista com formação em artes plásticas, uma assistente social com formação em arteterapia e uma enfermeira que desenvolve um trabalho voltado à composição de músicas educativas com temas da área de saúde (Coqueiro *et al*, 2010)<sup>16</sup>. Após o período do estudo, foi concluído de forma empírica que a Arteterapia facilita os usuários a lidarem com seus medos, angústias e transtornos de forma menos sofrida (Coqueiro *et al*, 2010)<sup>16</sup>. Embora a doença mental não seja um critério necessário no nosso grupo de discentes e docentes, conseguimos atingir, com uma metodologia semelhante, a leveza no dia a dia.

Com os novos saberes adquiridos durante a produção dos posts do *Instagram* e das intervenções realizadas nas escadas do HUCFF-UFRJ, por exemplo, pudemos colocar em prática a integração entre saúde, arte e cultura que, ao se unirem, adquirem um novo significado. Assim sendo, a saúde pode transformar-se em um ambiente de possibilidade de experimentar a criatividade, de participar de trocas sociais e de ter acesso às experiências culturais. Paralelamente, as manifestações artísticas e culturais se redimensionam para elementos capazes de contribuir para a

produção de saúde e de subjetividade, podendo ressignificar os modos do viver, de adoecer e de cuidar (se) (Lima *et al*, 2015)<sup>17</sup>.

Evidenciamos também o potencial do Arte na Veia - UFRJ como protagonista transformador dos relacionamentos interpessoais, uma vez que, ao utilizar a comunicação e a arte como principais meios de promover os objetivos do projeto, propicia o aperfeiçoamento da linguagem e da sensibilidade dos envolvidos. Sendo assim, a iniciativa transcende a finalidade terapêutica e atinge o propósito paralelo de humanizar os estudantes de medicina.

Dessa forma, o Arte na Veia - UFRJ almeja disseminar saberes artísticos e intervir nos espaços que cercam o ambiente universitário promovendo um olhar alternativo do viver comum. Entre os resultados de nossas vivências podemos pontuar o aspecto positivo no cotidiano dos alunos participantes do projeto, respeitando suas limitações e demandas da rotina da faculdade de medicina; as intervenções artísticas nas estruturas universitárias, promovendo um olhar alternativo sobre o que representam os espaços e os modos de viver nesses; a comprovação de que esse tipo de projeto ultrapassa limites físicos uma vez que continuamos nossas atividades após a suspensão das aulas, ressignificando espaços virtuais e garantindo a permanência periódica do contato com a arte que tanto nos agrega.

## **CONCLUSÃO**

Após o relato das experiências que marcaram a trajetória do Arte na Veia - UFRJ, fundado em 2019 e vigente até os dias atuais, reforçamos a importância deste como espaço de socialização e aprendizado. As atividades artísticas e culturais promovidas pelos alunos e professores despertam o lado humano do estudante de

medicina em construção, desvendando as múltiplas formas de *ser* e de melhor se adaptar às exigências e cobranças da carreira médica. Ressaltamos que o grupo está em constante transformação, com a inclusão contínua de novos membros e de planos para o futuro.

Recentemente, durante o período de isolamento social, firmamos uma parceria com o Projeto de Extensão da UFRJ intitulado "Minha vida dá um livro? Narrativas e escuta sensível" e coordenado por Samira Lima da Costa, professora associada do Departamento de Terapia Ocupacional (FM/CCS) e do Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (IP/CFCH) da UFRJ. Assim, passamos a ser uma vertente deste projeto, o que nos garante maior visibilidade no âmbito acadêmico. Consideramos que essa novidade poderá atrair mais pessoas interessadas e contribuirá para nossa expansão, com o possível estabelecimento da cooperação com alunos de outros cursos de graduação. Essa nova perspectiva de diálogo com outras especialidades e de multidisciplinaridade é esperançosa e muito bem vinda, pois acreditamos que nos enriquecerá ainda mais como grupo.

Para finalizar, diante de muitas incertezas, cabem reflexões acerca de como funcionará o grupo na pós-pandemia. Nos questionamos se, com o retorno das atividades acadêmicas, conseguiremos manter a adesão, o interesse e o comprometimento dos alunos como está acontecendo durante o isolamento social. Idealmente, nosso desejo seria a implementação de mudanças no currículo médico para promover sua humanização, permitindo o crescimento do aluno como ser humano íntegro, adepto não só às ciências como às artes. Algumas propostas seriam a inclusão de áreas verdes no calendário, melhor distribuição das provas ao longo do semestre, rearranjo da carga horária destinada a aulas teóricas, práticas e

presenciais. No entanto, por enquanto, acreditamos que nutrir o sentimento de união e de trabalho em equipe seja o primeiro passo para fortalecer e motivar engajamento dos participantes do Arte na Veia - UFRJ no futuro.

## REFERÊNCIAS

- 1 - Mallet ALR, Andrade L (org.). Literatura e medicina: uma experiência de ensino. Rio de Janeiro: Livros ilimitados; 2017.
- 2 - Nogueira CAV, Mallet, ALR. Um voo além da medicina: narrativas de alunos de medicina no Programa Ciências Sem Fronteiras. Rio de Janeiro: Thieme Revinter Publicações Ltda; 2017.
- 3 - Saramago J. Ensaio sobre a cegueira. São Paulo: Companhia das Letras; 1995.
- 4 - Tolstoi L. A morte de Ivan Ilitch. Porto Alegre: L&PM Pocket; 2015.
- 5- Fernandes I. A pertinência da Medicina Narrativa na prática clínica. Rev Port Med Geral Fam [Internet]. 2014 Out [Acesso em 2020 Jun 12] ; 30( 5 ): 289-290. Disponível em: [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2182-51732014000500003&lng=pt](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2182-51732014000500003&lng=pt). [Acesso em 2020 Jun 14].
- 6 - SophyaAgain. Elis Regina - Cartomante (Fortuneteller) [video file]. 2010 jul 09 [acesso em 2020 Jun 13]. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=3\\_OSPpbaFvA](https://www.youtube.com/watch?v=3_OSPpbaFvA). [Acesso em 2020 Jun 14].
- 7 - Andrade, Carlos Drummond de. José. Rio de Janeiro: Companhia das Letras; 2012.
- 8 - Camus, A. A Peste. 28ª edição. Rio de Janeiro: Record; 2020.
- 9 - Márquez, GG. O amor nos tempos do cólera. 55ª edição. Rio de Janeiro: Record; 2019.
- 10 - *Get out*. Fairhope (AL): Blumhouse Productions, Monkeypaw Productions, QC Entertainment; 2017. Disponível em <https://www.netflix.com/watch/80149258?trackId=13752289&tctx=0%2C0%2Cc86be023d83787cd82788c9acce2928f71c546e0%3A049f456cafd4c33bd6a0ba3099d51211218dda5b%2C%2C%2C> [Acesso em 2020 Jun 14].
- 11 - Oliveira CAD, Aidar GGO, Santos BL, Freitas MNLF, Camargo GL *et al*. Quantos olhares cabem em um par de olhos?. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/B\\_OAlgapMlu/](https://www.instagram.com/p/B_OAlgapMlu/) [Acesso em 2020 Jun 14].
- 12 - Medeiros MRB, Camargo JF, Barbosa, LAR, Caldeira, AP. Saúde Mental de Ingressantes no Curso Médico: uma Abordagem segundo o Sexo. Rev. bras. educ. med. 2018, 42 (3) :214-221. Disponível em : [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-55022018000300214&lang=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022018000300214&lang=pt) [Acesso em 2020 Jun 14].

13 - Conceição LS *et al.* Saúde mental dos estudantes de medicina brasileiros: uma revisão sistemática da literatura. *Avaliação* (Campinas). 2019, 24(3): 785-802. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-40772019000300785](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772019000300785) [acesso em 2020 Jun 14]

14 - Reis, AC. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo. *Psicol. cienc. prof.* 2014; 34 (1): 142-157. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932014000100011](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932014000100011). [acesso em 2020 Jun 14].

15 - Barcelos A. Arteterapia.com.br [Internet]. São Paulo: Associação Brasileira de Arteterapia; 2020 [Acesso em 2020 Jun 14]. Disponível em: <https://www.arteterapia.com.br/>.

16 - Coqueiro NF, Vieira FRR, Freitas MMC. Art therapy as a therapeutic tool in mental health. *Acta paul. enferm.* 2010; 23 (6) 859-862. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002010000600022&script=sci\\_abstract](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002010000600022&script=sci_abstract). [Acesso em 2020 Jun 14].

17 - Lima EA, Castro ED, Buelau RM, Valent IU, Inforsato EA. Interface arte, saúde e cultura: um campo transversal de saberes e práticas. *Interface* (Botucatu) [Internet]. 2015 Dec [acesso em 2020 June 13]; 19 (55):1019-1022. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832015000401019&lng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832015000401019&lng=en).